

Redescobrimo Hélio Pellegrino nos 100 anos de seu nascimento

Rediscovering Helio Pellegrino on his 100th birthday

J Bras Psiquiatr. 2025;74:e20240066
<https://doi.org/10.1590/0047-2085-2024-0066>

Hélio Pellegrino nasceu em Belo Horizonte em janeiro de 1924. Sendo o filho de um médico italiano radicado na cidade, Hélio logo reconheceu a pressão familiar para seguir a carreira médica.¹ Mesmo tendo outros interesses, especialmente a literatura e a política, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Estado de Minas Gerais (futura UFMG), interessando-se pela psiquiatria. No seu texto *Autobiografia*, ele descreve o momento dessa epifania: “Lembro-me de uma aula de fisiologia nervosa, no segundo ano. O doente, com tabes dorsal, ao centro do anfiteatro escolar, era um velhinho miúdo, ex-marineiro (...) Suas andanças pelo mundo, seus amores em cada porto ficavam reduzidos, em termos de anamnese, a um contágio venéreo ocorrido décadas atrás. (...) Sem controle esfinteriano, o velho urinou-se na roupa, em pleno centro do mundo. Vejo-o, pequenino, curvado para a frente, tentando esconder com as mãos a umidade ultrajante. Seu pudor, entretanto, nada tinha a ver com a ciência neurológica. (...) Meu colega Elói Lima percebeu, juntamente comigo, o acontecimento espantoso. “O marinheiro está chorando” – me disse. Fomos três a chorar. Entre lágrimas e urina, nasceu-me o desejo de me dedicar à psiquiatria.”² Hélio critica não apenas a ênfase na mera descrição do sintoma e sua inserção num sistema classificatório em detrimento do contexto, mas sobretudo a indiferença dos colegas frente ao real sofrimento da pessoa. Se a crítica foi originalmente destinada à “ciência neurológica”, mostra-se muito pertinente à psiquiatria atual, que se pretende cada vez mais neurológica ou neurocientífica.³

Foi justamente atuando como escritor, principalmente ensaísta, que Hélio Pellegrino ganhou notoriedade, contribuindo regularmente para jornais e revistas do Rio de Janeiro para onde se mudou em 1952.¹ Seus textos tinham amplo escopo, discutindo política, religião, cultura e psicanálise. Hélio não se dedicava apenas a difundir a psicanálise (“saúde mental”, numa linguagem mais contemporânea) para uma audiência diversa de leitores de todo o Brasil, mas se submetia à psicanálise – etapa fundamental no seu processo formativo – e mantinha consultório particular em que atendia pacientes. Para ele, “a análise, mais do que um processo técnico interpretativo, é a construção de um encontro humano para o qual o conhecimento científico é necessário, mas não suficiente”.⁴

Reconhecendo as contradições inerentes à psicanálise, como a possibilidade de dogmatismo e elitismo, não se furtou a criticá-la e, sobretudo, atuar no sentido de transformá-la. Em colaboração com outros analistas, criou a Clínica Social de Psicanálise, instituição que funcionou em Copacabana de 1973 a 1991 com o intuito de oferecer atendimento gratuito à população. Ao denunciar um dos membros da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro como torturador do regime militar, foi expulso da mesma, recusando-se a coadunar com a atitude burocrática da Sociedade.

Received: Dec/06/2024. Approved: Mar/25/2025.

¹ The Biggs Institute for Alzheimer's & Neurodegenerative Diseases, The University of Texas Health Science Center at San Antonio, San Antonio, TX, USA.

Address for correspondence: Antonio Lucio Teixeira. Biggs Institute, Floyd Curl Dr. 8300, San Antonio, TX, United States. 78229. E-mail: teixeiraa@uthscsa.edu



Em sua concepção, a psicanálise deveria ser libertadora, não conformista, contrário ao caminho trilhado pela disciplina nos Estados Unidos.¹ Sua crítica ao *establishment* aliada à notória resistência em publicar livros parecem ter contribuído para seu relativo ostracismo, especialmente no meio psicanalítico.⁴

Em suas inúmeras contradições – marxista convicto, mas católico praticante, casado com uma socialite mineira, amigo de personalidades de direita; orador inflamado contra a ditadura militar, mas sempre aberto ao diálogo – Hélio afirmava que: “A coisa mais importante do mundo é a possibilidade de ser-com-o-outro.”² Sua radical abertura

ao outro e à diferença deveria inspirar-nos a abraçar a complexidade do humano em suas diferentes dimensões, incluindo a psiquiatria, resistindo a modelos reducionistas e totalizantes.

REFERÊNCIAS

1. Pires, P.R. Hélio Pellegrino: a paixão indignada. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
2. Pellegrino, H. Lucidez embriagada. São Paulo: Editora Planeta, 2004.
3. Gordon JA. On being a circuit psychiatrist. *Nat Neurosci.* 2016; 19(11):1385-1386.
4. Castro O silêncio sobre a contribuição da produção psicanalítica de Hélio Pellegrino. *Analytica* 2023; 12(23): 1-21. <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/4625>